

## “Encontro com as drogas: Experiências juvenis, do risco às toxicodependências”

*Anália Torres, Ana Marques Lito, Isabel Sousa, Sofia Tormenta,*

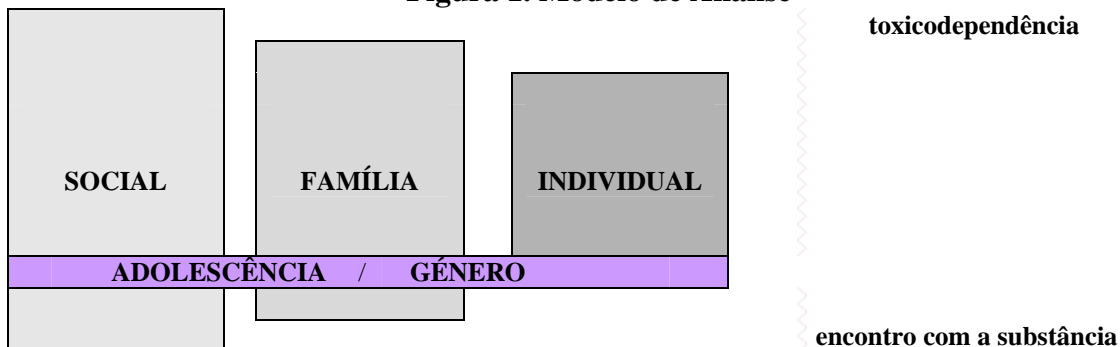
‘*Toxicodependentes: trajectórias, perfis socio-psicológicos, padrões familiares e processos mentais*’ é uma pesquisa, em curso, que cruza perspectivas teóricas da sociologia e a da psicologia de modo a permitir compreender e explicar, de forma mais adequada, a realidade da toxicodependência. Procura-se dar resposta com esta investigação a algumas interrogações fundamentais: porque é que a maioria dos jovens experimenta drogas sem se tornarem dependentes, a par de outros que passam da experimentação à toxicodependência? Porque é que existem jovens que usam determinadas substâncias recusando, no entanto, a experiência com outras? Porque é membros da mesma família, irmãos de toxicodependentes ou seus amigos próximos assumem comportamentos divergentes no que respeita aos consumos de drogas?

Na presente comunicação, depois de uma breve problematização teórica, da enunciação do modelo de análise e da estratégia metodológica adoptada, apresentam-se e problematizam-se sinteticamente os resultados de uma fase muito inicial da pesquisa: a análise de uma base de dados de um Centro de Atendimento a Toxicodependentes.

Definindo uma problemática teórica que se alimenta de perspectivas das duas disciplinas científicas construímos um modelo de análise e uma estratégia metodológica específica. Como se pode ver na Figura 1 constitui objectivo da pesquisa identificar os processos sociais, as relações familiares, os elementos da trajectória individual e os processos mentais que contribuem para explicar os percursos que conduzem às toxicodependências. Particular relevância será dada também a duas dimensões de análise que atravessam os processos atrás identificados: a adolescência e o género.

Na verdade, parece indiscutível, e é de resto consensual na literatura científica consultada, a centralidade dos processos de transformação que se verificam na adolescência para explicar comportamentos que podem ou não traduzir-se em dependências de drogas (Morel *et al.*, 1998, 2003; Amaral Dias, 1979). Menos atenção tem sido dada, do ponto de vista teórico e analítico, a uma realidade, também ela indiscutível, que é o facto da esmagadora maioria dos toxicodependentes (quase sempre à volta dos 80%) serem homens. A presente pesquisa pretende focar a atenção nesta particularidade. Com efeito, procurar-se-á compreender e explicar o que haverá de específico nos processos de crescimento no “masculino” que possa ser susceptível de contribuir para explicar os percursos dos toxicodependentes. Discutir-se-ão aqui as perspectivas teóricas que mostram como a dimensão de género atravessa as relações sociais e como esta vertente pode ser, neste caso, particularmente relevante. Problemas específicos que se relacionam com a posição perante a “masculinidade hegemónica” (Connel, 1987), a afirmação do “masculino” no contexto do grupo de pares, os problemas de identificação do jovem com a figura paterna, entre outros, serão aqui aprofundados.

**Figura 1. Modelo de Análise**



A estratégia metodológica adoptada desenvolve-se em três fases. Em primeiro lugar, explorou-se uma dimensão mais extensiva através da qual se procuram identificar características sociográficas mais gerais dos toxicodependentes. Embora pareça consensual que os consumos de drogas são socialmente transversais, importa perceber como podem as trajectórias sociais e familiares ter efeitos específicos, impondo maiores ou menores constrangimentos aos consumos, aos percursos escolares e profissionais, aos tratamentos, às saídas, etc. Neste sentido constituiu passo decisivo da pesquisa a análise dos resultados de uma base de dados existente num Centro de Atendimento a Toxicodependentes (C.A.T.) resultados esses que, de forma preliminar, serão aqui apresentados.<sup>1</sup>

Num segundo momento, actualmente em fase de finalização, procedeu-se a aplicação de um *follow-up* através do qual se pretende avaliar os percursos de vida dos toxicodependentes depois do tratamento, os processos de recuperação, as recaídas, as saídas e as recomposições das suas vidas profissionais e familiares. Finalmente, pretende-se realizar entrevistas em profundidade a dois grupos distintos: um de toxicodependentes, outro de irmãos ou amigos próximos (pares) sem dependências do consumo de drogas, sendo esta a fase da pesquisa que se prepara no momento presente. Constituem objectivos desta fase de investigação a comparação sistemática de trajectos de toxicodependentes com não toxicodependentes, na tentativa de responder às perguntas formuladas no início do texto. Sendo o contacto com as drogas uma experiência tão generalizada por que é uns passam por elas sem se envolver, outros recusam umas, mas consomem, de forma passageira, outras? Estando de resto a experimentação e as actividades de risco tão habitualmente ligadas à fase da adolescência (Morel *et al.*, 2003), por que é que, na mesma família, uns lidam de forma não problemática com essas experiências e outros não?

Vale a pena desenvolver agora um pouco mais os vários enfoques analíticos da investigação. Através da perspectiva sociológica pretendemos recolher informações sobre as origens e trajectórias sociais dos toxicodependentes, no sentido de compreender as suas condições de existência, as sociabilidades mantidas com pares e familiares, as lógicas dos grupos de pertença e de referência, as questões da afirmação de género. Serão avaliadas as relações entre expectativas e oportunidades objectivas aprofundando, a título de exemplo, percursos escolares e oportunidades reais de inserção no mercado de trabalho, evidenciando a diversidade dos modos de vida dos jovens e das suas representações sociais e a complexidade dos contextos em que se cruzam substâncias e histórias de vida (Pais, 1993, 1999; Fernandes, 1998; Vasconcelos, 2003). Condições sociais como a pobreza, por exemplo, conferem a certos percursos de consumos de drogas grande visibilidade já que para alimentar dependências, fracos recursos financeiros conduzem rapidamente à criminalidade e por vezes à prisão (Torres e Gomes, 2002). Em contrapartida, certos trajectos continuados e persistentes de consumos permanecem ocultos, e passam despercebidos ao primeiro olhar, quando maiores recursos financeiros permitem manter vidas aparentemente integradas.

As influências do contexto valorativo das sociedades contemporâneas, os apelos aos consumos imediatos de forma mais generalizada e a forma como eles podem ser reinterpretados pelos actores sociais serão tido em conta (Torres, 1994), mas também se analisarão os efeitos e influências geracionais e grupais específicos (Velho, 1998). Os efeitos de geração bem como a própria imagem pública das drogas e dos seus efeitos, desde o aparecimento da heroína nos anos 80 até ao surgimento das novas drogas nos finais de 90 (Henriques, 2002) interferem, de certo, na forma como vão sendo encarados os riscos e as

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma base de dados existente no C.A.T. do Restelo utilizada na gestão administrativa das consultas e recepção de novos utentes. A informação contida baseia-se nas fichas criadas pelo Serviço de Prevenção e Tratamento da Toxicodependência do I.D.T., utilizada em todos os C.A.T. do país e que serve de base à informação estatística para fins oficiais. Seleccionadas as variáveis pertinentes do ponto de vista analítico, foi necessário extrair esses dados em Access transferindo-os para SPSS. Esta operação foi realizada em Junho de 2003, constando nos serviços do CAT até essa data, 3784 casos inscritos.

drogas nas diferentes gerações de jovens e adolescentes. Poder-se-ão assim desenhar melhor as tendências que vão desde a procura de determinadas substâncias às dependências problemáticas.<sup>2</sup>

Num segundo nível serão analisados os processos específicos de socialização no contexto familiar de modo a testar e relação entre modelos ou tipos de família e relações familiares, quer no plano das relações conjugais (relação pai-mãe), quer parentais (relação mãe-filhos e pai-filhos) e também no da linguagem e expressividade dos afectos (Torres, 2002). A questão dos papéis familiares é também fundamental, implicando discussões em torno do género. Por último, os conflitos familiares, que pressupõem, entre outros, os desafios das regras parentais, as tensões no contexto conjugal, as estratégias educativas, enriquecem, por sua vez, a análise do nível familiar na compreensão dos processos de socialização dos jovens sejam ou não toxicodependentes. Também se procurarão cruzar neste plano as perspectivas teóricas da sociologia com as da psicologia.

O terceiro nível centra-se na abordagem psicológica do indivíduo no que respeita à compreensão dos processos mentais que se inscrevem no período da adolescência e que se relacionam com a problemática da toxicodependência. De destacar as transformações psicossociológicas do indivíduo; a separação e a individuação; os lutos dos imagos parentais; os processos de identificação e identidade; a autonomia e a dependência; o narcisismo primário, e outras questões relacionadas com a auto-estima; bem como, os processos de dor mental e de intolerância à frustração.

Para Blos (1967), os processos de crescimento inerentes à adolescência apresentam aspectos que descreve como ‘o segundo processo de individuação’, tendo como referência a sistemática de Mahler (1973). O adolescente é conduzido à independência familiar e ao abandono dos laços objectais infantis (perda do eu parental), para assim aceder à vida adulta. Esta reestruturação implica novos investimentos que contribuem para a formação do carácter, designadamente, novas atitudes e opiniões, bem como, manifestações que se podem reflectir ao nível do protesto familiar, do uso de vestuário extravagante, das paixões e idealizações platónicas, ou do início de uma fase de criação artística ou literária.

Se por um lado, todo este processo faz parte de uma evolução indispensável, por outro, a revolta a ele inerente, pode atingir casos extremos, tais como a delinquência ou a toxicodependência, que comprometem o processo individual de maturação. Bowlby (1969) argumenta que na adolescência não há uma desvinculação aos pais, mas antes um crescimento (muito embora de forma menos intensa que na infância) dessa vinculação. Porém, segundo este autor, a vinculação deve ser entendida como um laço afectivo persistente que promove os comportamentos de autonomia no adolescente e não a sua dependência. De acordo com esta perspectiva, torna-se assim necessária a compreensão dos laços familiares, bem como a transformação dessas mesmas relações.

Numa posição que parece integrar as abordagens assumidas por Blos e Bowlby, Amaral Dias e Paixão (1986), afirmam que a adolescência constitui uma fase verdadeiramente organizadora do psiquismo, vivendo o adolescente numa transição entre a estrutura relacional sincronizada com o meio ambiente (particularmente com o meio familiar) e um estado estrutural caracterizado por uma diacronia relacional que marca a individualização do *self* adulto. Trata-se pois de um período em que se realiza um desinvestimento nos laços de dependência narcísica que outrora tinham unido a criança aos seus pais, realizando-se o luto das imagos parentais (Amaral Dias, 1991). Nesta fase do desenvolvimento, o luto abre assim possibilidade ao adolescente de estar só e de organizar de forma positiva os processos de individuação/separação (Amaral Dias, 1988).

---

<sup>2</sup> De acordo com o O.E.D.T. o consumo problemático de droga é definido como ‘consumo de droga injectada ou consumo prolongado regular de opiáceos, cocaína e/ou anfetaminas’. Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (2003), *Relatório Anual 2003: A Evolução do Fenómeno da Droga na União Europeia e na Noruega* (2002), Luxemburgo, S.P.O.C.E., p.18.

O que podemos observar nos toxicodependentes é talvez a evidência de um estado psico-afectivo e mental imaturo, que não encontrou modelos de identificação satisfatórios que permitissem suportar os conflitos emocionais. Ao invés, a construção de um ‘eu’, é elaborada através da não existência do processo de alteridade, pelo que, conseqüentemente, emergem importantes falhas narcísicas, sentimentos de vazio, desvalorização pessoal e angústia. A droga surge assim como um ‘falso escudo protector contra o sofrimento’ que permite ao toxicodependente iludir os aspectos das suas relações com a vida ou usando-se dela como forma de mediação nas suas relações com os outros, já que o uso das drogas é também sintoma de dificuldades de relação ( Morel *et al.*, 1998).

A forma como o sujeito lida com o sofrimento psíquico é também importante na compreensão das causas para a procura da substância de forma continuada. Todo o ser humano tem a tendência para iludir a realidade daquilo que vê de mal em si próprio e no mundo que o rodeia, evitando assim o sofrimento provocado pela consciência de uma condição humana frágil e mortal. Assim, em vez de procurar modificar a dor mental através da compreensão, o *self* recorre a defesas que evitem o sofrimento (Dubinsky, 2000), sendo o consumo de drogas compensador no sistema afectivo e, em especial, contra sentimentos de cólera, vergonha e abandono. A dependência tóxica é assim uma tentativa para aliviar o sofrimento emocional, e em último caso uma busca pelo prazer (Morel, *et al.*, 1998).

É, igualmente, nesta linha de pensamento que McDougall conclui que os toxicodependentes consomem drogas numa tentativa de se libertarem de estados afectivos desagradáveis (McDougall, 1996, cit. por Ribeiro, 1995). Se a descoberta da droga ocorre a par de inúmeras decepções que se relacionam com a impossibilidade de acomodação do indivíduo à norma, então este facilmente procura a anestesia ou a paz através da droga (Olievenstein, 1996). Na realidade toda a substância psicoactiva contém promessas de prazer e de alívio, (ainda que temporário), do sofrimento. Geralmente o toxicodependente toma contacto com o produto na adolescência, ou seja, numa fase da vida em que se encontra particularmente frágil e confuso, disposto a aceitar algo que o faça sentir-se melhor, iludindo assim os aspectos mais difíceis da sua vida. Contudo o ‘regresso à terra’ é melancólico, desinteressante e destituído de significado. Como afirma Amaral Dias (2000) é nesta altura que o toxicodependente fica dividido. Incapaz de compreender esta experiência emocional e de tolerar a sua frustração, o toxicodependente vê-se confrontado uma vez mais com a necessidade de fugir dessa dor, recomeçando o ciclo vicioso da droga.

A conjugação dos diferentes níveis analíticos enunciados, bem como das perspectivas sociológicas e psicológicas constitui-se assim como um desafio da presente pesquisa, um risco que apesar da complexidade da tarefa se julgou útil correr. Decisivo é também ter em conta o que no domínio da investigação científica, nas várias áreas, tem sido já realizado sobre esta matéria até porque, como alguns têm apontado, a prevalência da intervenção sobre a reflexão contribui para explicar os insucessos na chamada “luta contra a droga” (Agra, 1993, 1997; Miguel, 1997; Romani, 1999; Brochu, 1997). Por outro lado, a insistência na necessidade de uma perspectiva holística que tenha em conta as dimensões biológicas e psicológicas dos indivíduos mas, sobretudo, os seus contextos socioculturais (Romani, 1999) converge com o exercício que se procura realizar nesta investigação.

De resto, nos últimos anos quer a nível internacional, quer em Portugal, a investigação científica tem tido alguma progressão. Pesquisas de carácter extensivo têm contribuído para uma melhor percepção das grandes tendências de evolução do fenómeno da toxicodependência (O.E.D.T; I.D.T.), valorizando-se cada vez mais os contributos da pesquisa qualitativa (Fountain, 2000). No nosso país, trabalhos pioneiros sob a direcção de Cândido da Agra têm dado conta da experiência portuguesa (Agra, 1993, 1997), em particular no que toca à relação droga/crime. Abordagens etnográficas e qualitativas de grande riqueza constituem também referência e fonte de inspiração fundamentais para a presente pesquisa (Fernandes, 1998; Valentim, 1998; Chaves, 1999; Vasconcelos, 2003).

### Caracterização dos utentes do CAT<sup>3</sup>

A maioria dos utentes que recorreu ao C.A.T. do Restelo entre 1991 e 2003 são indivíduos de sexo masculino (83%). O facto dos consumidores de drogas serem, de forma largamente predominante homens, tem sido verificado em quase todos os estudos (IDT: 2002; OEDT: 2003), e sugere hipóteses de investigação, como já se referiu. Assim, procurar-se-á, na fase qualitativa da pesquisa, identificar as marcas das socializações e dos efeitos das assimetrias de género nos percursos individuais e grupais de forma a avaliar como eles são subjectivamente vividos pelos indivíduos. Se podemos esperar encontrar maiores constrangimentos e maior controlo familiar nas estratégias educativas dos pais de mulheres jovens, sabe-se também que as experiências de risco como forma de afirmação da virilidade e masculinidade chegam a ser incentivadas quando se trata de jovens do sexo masculino, quer no plano familiar, quer ao nível dos pares, como prova de autonomia e liberdade. As modalidades específicas de viver os constrangimentos ou as experiências de risco e as provas, serão objecto de atenção particular na fase qualitativa da pesquisa.

Na sua maioria, os indivíduos que recorreram a este C.A.T., apresentam uma média de 27 anos de idade. Porém, se tivermos em conta os escalões do ano de acolhimento, notamos que as idades em que o utente pediu ajuda variam da seguinte forma: até 1993 temos uma média de 25 anos, entre 1994 e 1998, encontramos uma média de 27 anos, e por fim, entre 1999 e 2003 observamos uma média de 30 anos de idade. Neste sentido, constata-se uma tendência para o envelhecimento da população toxicodependente na procura de tratamento, o que de resto vai de encontro aos dados do último relatório do I.D.T (2003), que apontam para um envelhecimento da população que recorre às primeiras consultas, na rede pública de tratamento da toxicodependência.

Faz sentido perceber melhor o que significa este envelhecimento. Dado o considerável aumento de instituições para a toxicodependência, que surgiram entretanto no nosso país (comunidades terapêuticas ou ocupacionais, programas de substituição opiácea), será que estes indivíduos, antes de chegarem ao C.A.T., recorreram anteriormente a outras ajudas para tratamento? Ou será que procuram ajuda cada vez mais tarde, porque arranjam esquemas de angariação de dinheiro que lhes permitem prolongar os consumos (ex. arrumar carros, pequenos furtos, traficância, recorrência a IPSS)? Só com informação mais aprofundada acerca das trajectórias de vida, através do *follow-up* e das entrevistas, se poderá dar resposta a tais questões.

Tendo em conta o ano em que os utentes recorreram ao C.A.T. verificou-se o aumento de indivíduos do sexo feminino que pedem tratamento nos últimos anos. Considerando o total de homens e de mulheres que recorreram ao CAT entre 1991 e 2003, enquanto até 1993 houve mais homens do que mulheres a recorrer ao (25% para 17%, respectivamente), entre 1994 e 1998 houve 53.1% de homens e 53.6% de mulheres e, por fim, entre 1999 e 2003 houve mais mulheres do que homens a procurar ajuda (29% para 22%, respectivamente). Terá interesse perceber se este aumento da procura de tratamento por parte das mulheres, pode estar associado também aos efeitos da tendência para a maior igualdade entre os sexos, quer ao nível das socializações, quer das práticas juvenis.

No que diz respeito à escolaridade da nossa população, a grande maioria apresenta o ensino básico completo (74.1%), seguida daqueles que têm o ensino secundário (16.5%) e

---

<sup>3</sup> Construída a base de dados em SPSS, seleccionaram-se de modo aleatório 1000 casos. Foram identificados 751 casos com informação por completar, pelo que, foi realizada uma operação de recolha e introdução de dados a partir dos processos clínicos em papel. Finalizada esta operação foi-nos permitida a informação relativa a 885 utentes, os quais constituíram a nossa base de dados final. Como o universo de referência era de 3784 indivíduos, os 885 casos finais acabam por constituir uma boa proporção de amostragem – 23,4%. Tendo partido de uma base de dados que, apesar de conter informação relevante, não fora construída nem preenchida pela equipa, confrontámo-nos com falta de informação em algumas das variáveis, considerando-se pois para a análise as que continham mais de 50% de casos com informação.

dos que frequentam ou abandonaram a universidade (5.2%). Existem ainda 2% de utentes com o ensino superior completo e 1.9% de indivíduos sem qualquer grau de escolaridade. Tendo em consideração as qualificações escolares a nível nacional, notamos que, apesar dos utentes deste C.A.T. não apresentarem taxas tão altas de ausência de nível de instrução, têm, no entanto, taxas inferiores no que diz respeito ao ensino secundário e superior, como se pode ver no Quadro 1<sup>4</sup>.

**Quadro 1. Nível de instrução atingido**

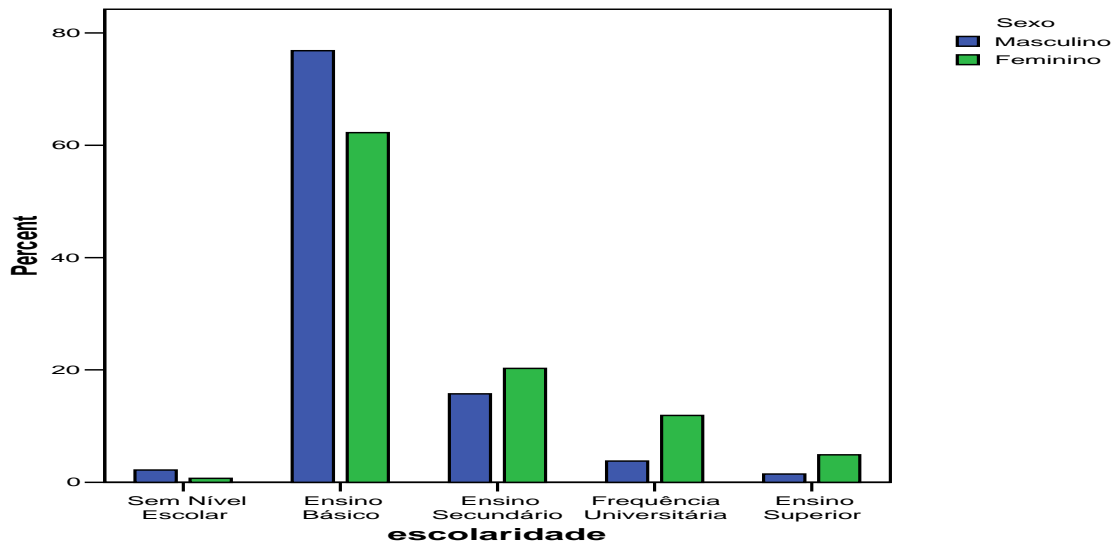
<b>Qualificação Escolar</b>	<b>C.A.T.</b>	<b>L.V.T.</b>	<b>Portugal</b>
Sem Nível Escolar	1.9%	4.4%	4.9%
Ensino Básico	74.1%	57.3%	65.7%
Ensino Secundário	16.5%	23.9%	18.8%
Frequência Universitária	5.2%	-	-
Ensino Superior	2.0%	13.8%	10.4%

Perante estes resultados faz todo o sentido centrar a atenção, como já se referiu, nas fortes relações que se podem estabelecer entre por um lado, percursos escolares, vivência global do espaço da escola e de relação com os pares, com os seus maiores ou menores graus de sucesso, insucesso, expectativas e frustrações e, por outro lado, com os consumos mais ou menos problemáticos de drogas. Certo é que os toxicodependentes, como se vê no Quadro 1, tendem, na sua grande maioria, a não entrar na universidade ou a não completar o ensino universitário.

No que diz respeito à diferença de instrução entre homens e mulheres, notamos que o sexo feminino apresenta uma escolaridade mais elevada do que o masculino, o que de resto acompanha a tendência a nível nacional. Desta forma, proporcionalmente temos, 4.9% de mulheres para 1.5% de homens, com o ensino superior; 11.8% de mulheres para 3.8% de homens, com frequência universitária; e 20.1% de mulheres para 15.7% de homens com o ensino secundário. Ainda, se considerarmos na nossa população aqueles que não têm qualquer grau de ensino, 2.2% são homens e apenas 0.7% são mulheres (ver Figura 2). Terá sentido procura perceber se a obtenção de habilitações é vista pelas jovens mulheres, como fuga ao controlo dos pais, numa tentativa de autonomização e recusa do modelo parental tradicional. Ou se os jovens do sexo masculino sentem uma pressão no sentido do abandono da escola, para obter um trabalho, mesmo que ocasional e precário, mas como forma de obter rendimentos mais imediatos, fruto ou não já da necessidade de alimentar a dependência das drogas.

<sup>4</sup> De acordo com os *Resultados Definitivos dos Censos de 2001* do I.N.E., e como se pode ver no Quadro 1, 5% de indivíduos residentes no nosso país, entre os 15 e os 49 anos não têm qualquer grau de escolaridade, 65.7% destes têm o ensino básico, 19% têm o ensino secundário e 10.4% têm o ensino superior. O mesmo acontece quando comparamos o nível escolar da população com a mesma idade, residente na Região de Lisboa e Vale do Tejo, sendo que, 4.4% de indivíduos não têm qualquer grau de ensino, 57.3% têm o ensino básico, 23.9% têm com o ensino secundário e 13.8% têm o ensino superior. No sentido de uma comparação dos dados da nossa população com a população portuguesa, consultámos os resultados dos últimos censos do I.N.E., tendo sempre por base a população residente com idades compreendidas entre os 15 e os 49 anos, dado ser a faixa etária correspondente à população da nossa amostra.

**Figura 2 Nível de instrução atingido, por sexo**



No que diz respeito à situação conjugal, na altura em que recorreram a este C.A.T., a maioria dos indivíduos da nossa amostra eram solteiros (73%), 19.2% eram casados independentemente do registo e 7.7 % encontravam-se separados ou divorciados. Comparando com os últimos censos, como se pode ver no Quadro 2, notamos que aqueles que recorreram a este C.A.T. apresentam taxas superiores nas situações de ‘Solteiro’ e ‘Divorciado’<sup>5</sup>.

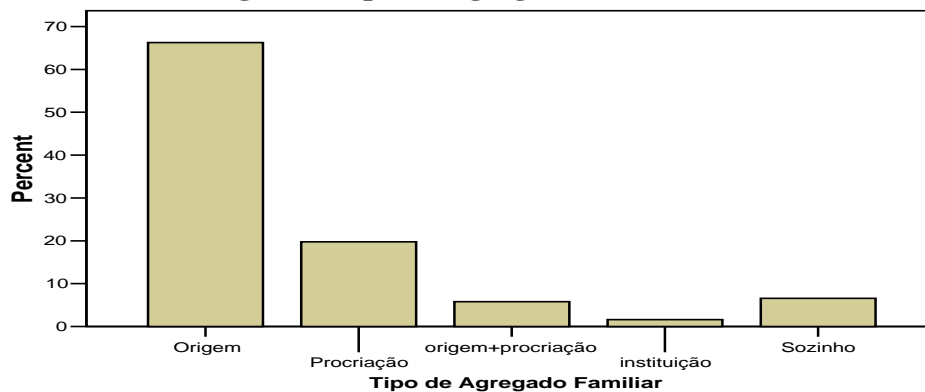
**Quadro 2 Situação Conjugal**

Situação conjugal	C.A.T.	L. V. T.	Portugal
Solteiro	73.0%	39.6%	38.3%
Casado	19.2%	55.6%	57.8%
Divorciado	7.7%	4%	3.0%
Viúvo	0.1%	-	0.7%

No seguimento dos dados anteriores, a maioria dos indivíduos da nossa população ainda coabita com a sua *família de origem* (66.4%), como se pode ver na Figura 3. Por sua vez, 19.6% de indivíduos vivem numa *família de procriação* (sendo que 10% vive com parceiro e 9.3% vive com o parceiro e os filhos), 6.5% vivem sozinhos, 5.6% vive com elementos da *família de procriação* e da *família de origem*, e 1.6% viviam, na altura, em instituições. O que mostra, e tendo em conta a média de idades, o adiamento na saída de casa dos pais, eventualmente revelador da dificuldade de elaborar a desvinculação parental e da perpetuação do estado de “dependência” a vários níveis.

<sup>5</sup> Assim, como se pode ver no Quadro 2, entre a população portuguesa com idades compreendidas entre os 15 e os 49 anos, 38.3% dos indivíduos são solteiros (39.6% em L.V.T.), 57.8% são casados ou vivem em união de facto (55.6% em L.V.T.) e 3% são separados ou divorciados (4% em L.V.T.). Comparando a situação conjugal da nossa população por sexo, encontramos uma taxa de homens solteiros ligeiramente superior à de mulheres solteiras (75.3% para 61.7%, respectivamente). Proporcionalmente, existem ainda mais mulheres divorciadas ou separadas, que homens na mesma situação (12% para 7%, respectivamente). Existem, por fim, mais mulheres casadas ou a viver conjugalmente que homens (25.5% para 17.9%, do total). Efeitos de género podem também aqui explicar as diferenças entre os sexos quanto à situação conjugal.

**Figura 3 Tipo de Agregado Familiar**



Relativamente ao total daqueles que ainda vivem numa *família de origem*, 51.7% coabita com ambos os pais (*família conjugal simples*), 33.4% vive apenas com um dos seus progenitores (*famílias monoparentais*), 5.4% vive com padrasto ou madrasta (*famílias recompostas*), estando a restante percentagem dividida por aqueles que vivem apenas com os irmãos, com os tios ou com os avós. Notamos assim uma elevada percentagem de famílias monoparentais e de famílias recompostas, sobretudo se compararmos com os resultados dos últimos censos, onde, do total de “famílias com filhos”, encontramos 16.9% de famílias monoparentais residentes em Portugal (19.5% residentes em L.V.T.) e 2.2% de famílias recompostas (3.1% residentes em L.V.T.). Factor com peso mais significativo, por referência ao conjunto da população, neste grupo de toxicodependentes que recorre ao CAT, e que vive ainda com a família de origem, parece ser assim a ausência da figura do pai. O que de resto também se comprova através da análise do Quadro 3.

Com efeito, quando questionada a situação conjugal dos pais destes indivíduos, e apesar da maioria ser casada (51.8%), verifica-se que existem 26.7% de pais divorciados ou separados e 18.7% de pais viúvos. Estes dados elevados, sobretudo se compararmos com os valores sobre a situação conjugal de indivíduos residentes em Portugal entre os 55 e os 59 anos<sup>6</sup>, como se pode ver no quadro 3. Neste sentido será importante procurar perceber as relações que se podem estabelecer entre conflitualidade conjugal dos pais, conflitos familiares nas relações pais/filhos e consumos de drogas dos filhos.

**Quadro 3. Situação Conjugal Pais**

Situação Conjugal	CAT/Restelo	Portugal	
		Lx	Portugal
Casados ou União Facto	51.8%	83%	83.8%
Divorciados ou Separados	26.7%	5.7%	4.1%
Viúvos	18.7%		
Nunca Coabitaram	1%		
Ambos Morreram	1.8%		

A maioria da população de toxicodependentes que recorreu ao CAT, entre 1991 e 2003, era desempregada (52%), 36% estava empregada e 9% era estudante, valores que, como se pode ver a partir do Quadro 4, se distribuem de forma muito diferente em relação ao total da população, quer de Portugal, quer da Região de Lisboa e Vale do Tejo<sup>7</sup>. Parece fundamental explorar a relação, já discutida atrás, entre percursos escolares e actividade profissional. Mas

<sup>6</sup> Idade média dos pais dos inquiridos na altura em que estes recorreram ao C.A.T.

<sup>7</sup> Comparando a condição perante o trabalho, por sexo, encontramos 38% de homens empregados, para 30% de mulheres na mesma situação e no que diz respeito ao desemprego 59.3% são mulheres e 50.9% são homens; estas diferenças recobrem, proporcionalmente, as que existem a nível nacional. Não parece haver diferenças quanto à condição de estudante (8.6% homens e 9% de mulheres).



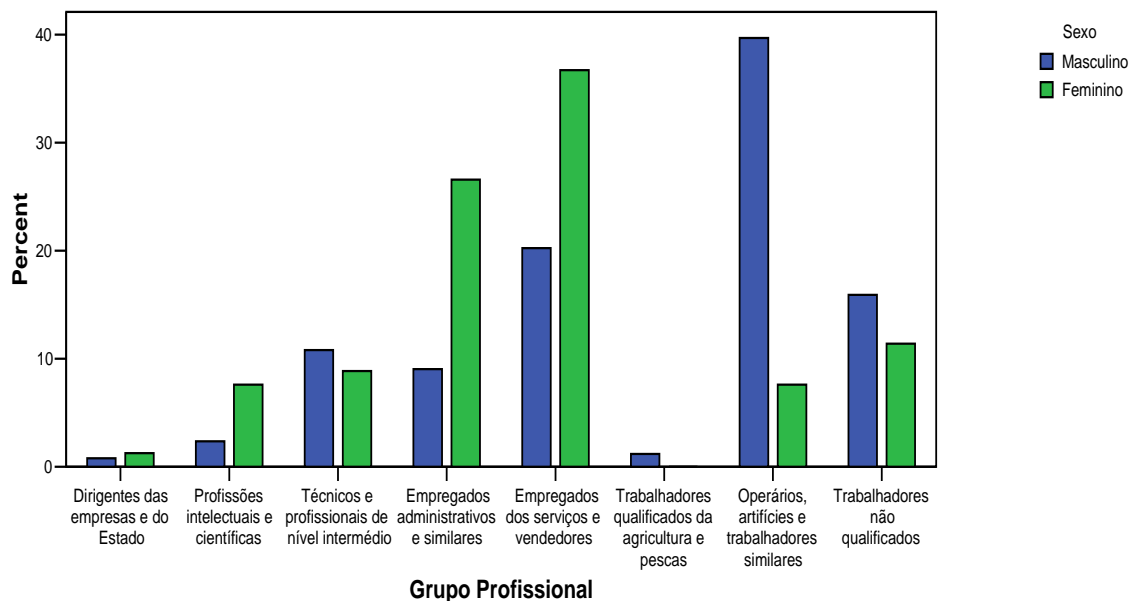
também é possível que a situação de desemprego que vivem os toxicodependentes que procuram o CAT para tratamento se deva exactamente ao facto de terem chagado à situação limite, em que já não conseguem compatibilizar a actividade profissional com os consumos, porque o círculo vicioso consumo/ressaca/rápida angariação de dinheiro impede o cumprimento das mínimas responsabilidades profissionais (Vasconcelos, 2003).

**Quadro 4. Condição perante o Trabalho**

Condição	C.A.T.	L.V.T.	Portugal
Empregado	36.2%	72%	78%
Desempregado	52.4%	5.7%	5.7%
Estudante	8.7%	12.9%	13%
Outras	2.7%	-	-

Quanto ao grupo profissional a que pertence ou pertenceu – já que quando estavam desempregados declaravam a profissão que tinham desempenhado - a maioria desta população pertence aos “Operários, Artífices e Trabalhadores Similares” (35%), seguindo-se os “Empregados dos Serviços e Vendedores” (22%), o grupo dos “Trabalhadores Não Qualificados” (15%), os “Empregados Administrativos e Similares” (11%), os “Técnicos Profissionais de Nível Intermédio” (10.5%) e as “Profissões Intelectuais e Científicas” (3%)<sup>8</sup>, como se pode ver na Figura 4.

**Figura 4 Categoria profissional, por sexo**



Comparando esta distribuição com valores nacionais verifica-se que há, genericamente, correspondência esses valores havendo, no entanto, menos representantes das profissões intelectuais e científicas nesta população que recorreu ao CAT do que a nível nacional (Torres *et al.*, 2004). O que é compatível, de resto, com a informação que se avançou atrás quanto à

<sup>8</sup> Quanto às diferenças de sexo verificou-se que a maioria das mulheres trabalha nos Serviços e Vendas (37%), enquanto os homens trabalham se concentram mais no Operariado (40%). De resto, e proporcionalmente, temos 8% de mulheres para 2.4% do total dos homens com ‘Profissões Intelectuais e científicas, sendo também as mulheres que mais trabalham nos Empregos Administrativos e similares (27% para 9% no total de mulheres e homens). Por fim, no que diz respeito aos Trabalhadores não Qualificados, 16% são homens e 11.4% são mulheres (Figura 3).

existência de menos toxicodependentes com o ensino superior do que indivíduos com essa formação a nível nacional.

Quanto aos consumos de drogas à excepção de apenas um caso, todos os inquiridos da nossa amostra afirmaram já ter consumido *Cannabis* em algum momento da sua vida<sup>9</sup>, sendo a idade média de início dos consumos os 15 anos<sup>10</sup>, não se verificando diferenças significativas entre homens e mulheres.

Por outro lado, do total da amostra, 90% de indivíduos tinham consumido *heroína* 30 dias antes do primeiro contacto com o C.A.T.<sup>11</sup>. No que diz respeito ao modo de consumo da *heroína*, 56% fumava-a, 27% injectava-a e 17% fumava-a e injectava-a. São os homens que mais utilizam o modo endovenoso, comparativamente com o modo de consumo das mulheres dependentes da *heroína*. No entanto, no que diz respeito às idades de início de consumos de *heroína*, não existem diferenças por sexo estando a média nos 20 anos de idade.

A partir desta breve incursão sociográfica sobre os utentes do CAT foi possível desde já antever certas diferenciações como as de sexo, as relativas aos percursos escolares e qualificações profissionais e também as que se relacionam com as situações familiares ou com as famílias de origem. As fases qualitativas da pesquisa permitirão maior aprofundamento destas realidades e, de certo, outro tipo de conclusões, através das quais se possam discutir as problemáticas teóricas de parida e contribuir para a melhor compreensão destas temáticas.

## Referências bibliográficas

- AGRA, Cândido da (1993), *Dizer a Droga, Ouvir as Drogas - Estudos Teóricos e Empíricos para uma Ciência do Comportamento Aditivo*, Porto, Tipografia Nunes.
- AGRA, Cândido da (1997), *A Experiência Portuguesa: Programa de Estudos e Resultados, Droga e Crime: estudos interdisciplinares*, vol.1, Colecção Estudos, G.P.C.C.D., Lisboa, Ministério da Justiça.
- AMARAL DIAS, C. (1979), *O Que se Mexe a Parar: Estudos sobre a Droga*, Porto, Afrontamento.
- AMARAL DIAS, C. (1988), *Para uma Psicanálise da Relação*, Porto, Afrontamento.
- AMARAL DIAS, C. (1991), 'Depressão e estado-limite na adolescência', In Bergeret, e Reid (Eds.), *Narcisismo e Estados-Limite*, Lisboa, Escher, pp.53-59.
- AMARAL DIAS, C., e Paixão, R. (1986), "Regressão, imagem do corpo e identificação projectiva como elementos diferenciadores entre o processo adolescente e processo psicótico" *Jornal de Psicologia*, 5, (1), pp. 18-20.
- AMARAL DIAS, C., (2000), *Volto já: Ensaios Sobre o Real*, Lisboa, Fim de Século.
- BLOS, P. (1967), 'The second individuation process of adolescence', In: *Psychoanalytic Study of the Child*, n.º 22, pp.162-186.
- BOWLBY, J. (1969), *Attachment and Loss*, Harmondsworth, Penguin Books.

---

<sup>9</sup> Estes dados vão de encontro aos resultados do Relatório Anual do O.E.D.T. que, em 2003, aponta a *Cannabis* enquanto substância ilícita de maior consumo em todos os países da União Europeia.

<sup>10</sup> Também de acordo com o O.E.D.T., em 2003, a idade média daqueles que consomem esta substância pela primeira vez, varia entre os 15 e os 19 anos.

<sup>11</sup> Estes valores correspondem à tendência observada na União Europeia dado que, de acordo com o O.E.D.T., em 2003 a *heroína* é a principal droga ilícita entre aqueles que procuram tratamento. Ainda de acordo com o I.D.T., em 2003, em primeiras consultas na rede pública de tratamento da toxicoddependência, a maioria dos utentes procura tratamento ao nível da desintoxicação da heroína (67%) seguindo-se a *cannabis* (36%) e a cocaína (32%).

- BROCHU, S., Cândido da Agra, e Cousineau, M. (eds.), (2002), *Drugs and Crime Deviant Pathways*, Aldershot, Ashgate.
- BROCHU, Sergei (1997), *O Estado da Investigação Científica na América do Norte*, Droga e Crime: estudos interdisciplinares, vol.2, Coleção Estudos, Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga, Lisboa, Ministério da Justiça.
- CHAVES, Miguel (1999), *Casal Ventoso: da Gandaia ao Narcotráfico*, Coleção Estudos e Investigações, Centro de Investigações Sociais, Viseu, Imprensa de Ciências Sociais.
- CONNEL, Robert W., *Gender and Power. Society, the Person and Sexual Politics* (1987) Stanford, California, Standford University Press.
- DUBINSKY, A. (2000), 'Apreensão da experiência emocional', In: M. Rustin, M. Rhode, A. Dubinsky e H. Dubinsky (Eds.), *Estados Psicóticos em Crianças*, Rio de Janeiro, Imago, pp. 13-33.
- FERNANDES, L., (1993) "Droga Enigma, Droga novo Paradigma", em Cândido da Agra, *Dizer a Droga, Ouvir as Drogas – estudos teóricos e empíricos para uma ciência do comportamento aditivo*, Porto, Tipografia Nunes.
- FERNANDES, L., (1998), *O Sítio das Drogas*, Col. Comportamentos, Lisboa, Editorial Notícias.
- HENRIQUES, Susana (2002), "Risco Cultivado no consumo de novas drogas", *Sociologia Problemas e Práticas*, nº 40, pp. 63-85.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2001), *Censos de 2001: Resultados Definitivos*, I.N.E., Lisboa.
- I.D.T. (2003), *Relatório Anual 2002: A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependências*, Lisboa, Instituto da Droga e da Toxicodependência.
- MAHLER, M. (1973), *Psychose Infantil, Symbiose Humaine et Individuation*, Paris: Payot.
- MANHÃES NEVES, R. H. (1999), 'Oscilações da dupla analítica: Vivências básicas, sofrimento, dor mental', In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, n.º 33, (4), pp. 719-733.
- MIGUEL, Nuno (1997), "A Comunidade face à droga: o que (não) temos feito" in: *Drogas: Situações e Novas Estratégias*, Col. Debates, Lisboa.
- MOREL, Alain, François Hervé e Bernard Fontaine (1998), (ed. orig. 1997), *Cuidados ao Toxicodependente*, Col. Alcoolismo e Toxicomanias Modernas, Lisboa, Climepsi.
- MOREL, Alain, M. Boulanger, F. Hervé, G. Tonnelet (2003), *Prevenção das Toxicomanias*, Col. Alcoolismo e Toxicomanias Modernas, Lisboa, Climepsi.
- OEDT (2003), *Relatório Anual 2003: A Evolução do Fenómeno da Droga na União Europeia e na Noruega* (2002), Luxemburgo, S.P.O.C.E.
- OLIEVENSTEIN, C., (1996), *O Homem Paranóide*, Lisboa, Instituto Piaget.
- PAIS, José Machado (1993), *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- PAIS, José Machado (1999), *Traços e Riscos de Vida. Uma Abordagem Qualitativa a Modos de Vida Juvenis*, Coleção Trajectórias, Porto, Ambar.
- RIBEIRO, J. S. (1995), Dependência ou dependências? Incidências históricas na formalização dos conceitos, In: *Toxicodependências*, n.º 3, pp. 5-16.
- ROMANÍ, Oriol (1999), *Las Drogas – Sueños y Razones*, Barcelona, Editorial Ariel, S.A.
- TORRES, Anália Cardoso (1993), "Pobres. Modos de ser e de parecer", em *Estruturas Sociais e Desenvolvimento*, Vol. II, Lisboa, Fragmentos.

- TORRES, Anália Cardoso (1994) “Um olhar sociológico”, em *Colectânea de Textos*, IV vol., Lisboa, Centro das Taipas.
- TORRES, Anália Cardoso (2002), *Casamento em Portugal. Uma Análise Sociológica*, Oeiras, Celta Editora.
- TORRES, Anália Cardoso e Maria do Carmo GOMES (2002), *Drogas e Prisões em Portugal*, Lisboa, IPDT/Ministério da Saúde.
- TORRES, Anália Cardoso, F. V. da Silva, T. Líbano Monteiro, M. Cabrita (2004), *Homens e Mulheres entre Família e Trabalho*, Lisboa, CITE, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, Ministério do Trabalho e da Segurança Social.
- VALENTIM, Artur (1998), “Droga e toxicodependência nas representações de párocos e médicos”, em *Análise Social*, v. 33, nº 145, Lisboa, ICS, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- VASCONCELOS, Luís (2003), *Heroína. Lisboa como Território Psicotrópico nos Anos Noventa* Lisboa, ICS, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- VELHO, Gilberto (1998), *Nobres e Anjos. Um estudo de tóxicos e hierarquia*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas Editora.
- WALL, Karin, “Famílias Monoparentais”, *Sociologia Problemas e Práticas*, nº43, 2003, pp.51-66.